

A história oral e a memória na ciência geográfica: o caso dos imigrantes haitianos em Cascavel, PR

Oral History and Memory in Geography Science: The Case of Haitians Immigrants in Cascavel, PR, Brazil

Historia oral y memoria en la ciencia geográfica: el caso de los inmigrantes haitianos en Cascavel, PR, Brasil

Mirtes Teresinha Werlang

<https://orcid.org/0000-0002-4600-0394>

mirtesgeo@gmail.com

Secretaria de Educação do Estado do Paraná, SEED-PR, Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil

Bruno Vinicius Noquelli Lombardi

<https://orcid.org/0000-0002-3655-6575>

brunonoquelli@gmail.com

*Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Guarapuava, PR/
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, Campus Toledo, PR, Brasil*

Tarcísio Vanderlinde

<https://orcid.org/0000-0002-4600-0394>

tarcisiovanderlinde@gmail.com

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE,
Campus Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil.*

Resumo: Este estudo objetiva mostrar a importância da utilização da história oral e da memória nas pesquisas geográficas. Estas metodologias oportunizam o relato das experiências vividas pelos depoentes de maneira plena. Essencialmente qualitativa, com fundamentos teóricos da Geografia Cultural, da Geografia Humana e métodos de interpretação da fenomenologia, a pesquisa pauta-se na coleta de depoimentos de imigrantes haitianos residentes em Cascavel (PR) que vieram em maior número para o Brasil após o terremoto que assolou o país em 2010. O intuito foi utilizar as vivências dessas pessoas como exemplo da atual mobilidade haitiana para o Brasil.

Palavras-Chave: Fontes orais, Fenomenologia, Imigrante haitiano.

Abstract: This study highlights the importance of using oral history and memory in geographic research. These methodologies provide the opportunity to fully report the experiences lived by the interviewees. Essentially qualitative, with theoretical foundations of Cultural Geography, Human Geography and phenomenological interpretation methods, the research is based on the collection of testimonials from

Haitian immigrants living in Cascavel (PR) who came in greater numbers to Brazil after the earthquake that struck the country in 2010. The intention was to use the experiences of these people as an example of the current Haitian mobility to Brazil.

Keywords: Oral sources, Fenomenology, Haitians immigrants.

Resumen: Este estudio tiene como objetivo mostrar la importancia del uso de la historia oral y la memoria en la investigación geográfica. Estas metodologías brindan la oportunidad de relatar de manera integral las experiencias vividas por los declarantes. Esencialmente cualitativa, con fundamentos teóricos de Geografía Cultural, Geografía Humana y métodos de interpretación de la fenomenología, la investigación se basa en la recopilación de testimonios de inmigrantes haitianos residentes en Cascavel, PR que haitianos llegaron en mayor número a Brasil después del terremoto que devastó el país en 2010. La intención fue utilizar las experiencias de estas personas como ejemplo de movilidad actual para Brasil.

Palabras Claves: Fuentes orales, Fenomenología, Inmigrante haitiano.

INTRODUÇÃO

Migrar significa mudar de país, de estado ou até mesmo de localidade. É a presença e a separação do sujeito pelo deslocamento físico em um espaço e a ausência em outro. O deslocamento populacional é caracterizado por Sayad (1998) como um fato social, em que a emigração¹ e a imigração fazem parte do mesmo processo social e modificam os setores sociais, econômicos e culturais do local de saída e do local de chegada. A respeito disso, diz que “não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em outro mundo, em suma, sem algo que permaneça desta presença” (Sayad, 1998 p. 14).

Os movimentos migratórios sofreram mudanças profundas com o processo de modernização, principalmente a partir do século XIX, por intermédio do progresso técnico científico e o do desenvolvimento industrial, comercial e urbano. A ampliação da infraestrutura e dos meios de transportes intensificou os fluxos humanos e as mudanças efetivadas nos territórios nacionais. Logo, com a mobilidade espacial da população, desenvolvimento destes territórios foram intensificados (Werlang, 2021).

Atualmente, o Brasil faz parte do fluxo migratório haitiano, em especial após o terremoto de 2010². Ao devastar o país³, o fenômeno natural acentuou as dificuldades econômicas e sociais já existentes, resultando no aumento no número de deslocados. (Werlang, 2021)

O Haiti está localizado sobre a placa Caribenha - vizinha da placa Cocos, a placa Norte-Americana e a placa Sul-Americana. “[...] nesse ponto de convergência de ‘titãs’

1 Emigrar = sair de um local. Imigrar = chegar em uma localidade. (definições livres realizadas pelos autores).

2 O epicentro do terremoto aconteceu no dia 12 de janeiro de 2010, uma terça-feira, às 16h53min. (19h53min. no horário de Brasília), quando atingiu uma profundidade de 10 quilômetros e uma magnitude de 7,0MW. (Têlêmaque, 2012)

3 A formação geológica e a localização do território haitiano fazem com que ele esteja sujeito a catástrofes naturais, como furacões, tufões, deslizamentos e inundações. O terremoto de 2010 foi o desastre natural mais devastador ocorrido no país. Esse fenômeno aconteceu apenas para aumentar os danos existentes, pois o Haiti já estava em situação de calamidade econômica, social, ambiental e humanitária (Têlêmaque, 2012).

geológicos, foi uma falha relativamente pequena, chamada Enriquillo-Plantain Garden, que causou o terremoto, com foco a 10 quilômetros de profundidade” (Tèlèmaque, 2012, p. 18).

A situação atual do Haiti, bem como todo o desenvolvimento de sua história, é marcada por frequentes excessos que colocam os sujeitos constantemente em uma situação de desamparo. O terremoto que atingiu o Haiti em 2010 comprometeu ainda mais a situação do seu povo. O dramático cenário no qual o país se situa motiva a ocorrência de uma migração em massa para diversos países do mundo, inclusive o Brasil (Tèlèmaque, 2012).

Compreendemos, da mesma forma que Handerson (2016), a diáspora haitiana⁴ representa a nacionalidade e cidadania haitiana com suas características culturais mescladas à sociedade de destino. O migrante se torna diáspora ao fazer parte da mobilidade internacional, pois ele não se desenraíza totalmente. Assim, quando uma diáspora parte por muitos anos, “(des)socializa-se em alguns aspectos para se (re)socializar (em parte) *altranje*. Na volta ao Haiti, quando se, torna diáspora, é considerado “nosso filho e, ao mesmo tempo, um estrangeiro” (Handerson, 2012 p. 361).

A quantidade de haitianos que chegaram no estado do Paraná a partir de 2012 é impressionante. Para se ter uma ideia, em 2011, havia apenas 6 haitianos com vínculo formal de trabalho no estado. Em 2012, 778 pessoas. Em 2013, 3.221, e em 2014, 6.647. (Cavalcanti et al., 2020). E é neste contexto que a migração haitiana se direciona também para o município de Cascavel. Neste caso, atraídos pelos setores da indústria, agroindústria e construção civil.

O município de Cascavel situa-se na Região Oeste do estado do Paraná, próximo à Tríplice Fronteira entre o Brasil, a Argentina e o Paraguai (Eberhardt, 2017). É a quinta cidade mais populosa do estado e a mais populosa dessa região. De acordo com a estimativa populacional do IBGE, o município tinha 336.073 habitantes no ano de 2021. Cascavel foi emancipado de Foz do Iguaçu em 14 de novembro de 1952. Com o fim do ciclo da erva mate, em 1930, e da madeira, em 1970, iniciou o processo de industrialização e o aumento da atividade agropecuária. Além disso, o município se destaca como polo regional na prestação de serviços e nos setores da indústria, da agroindústria, da agropecuária, da saúde, da educação e da construção civil (Eberhardt, 2017).

É no cenário da construção civil que a partir de janeiro de 2012 registra-se a chegada do primeiro grupo de 44 imigrantes haitianos na cidade, todos do sexo masculino, para trabalhar nas obras de ampliação do Hospital São Lucas, ligado ao Grupo FAG (Fundação Assis Gurgacz). A vinda deles “teria sido intermediada pela Secretaria de Justiça e Segurança Pública do Acre (SJSJ-AC)” (Eberhardt, 2017, p. 80). Esse grupo de imigrantes haitianos foi selecionado por empresários e engenheiros ligados ao grupo FAG e a viagem do estado do Acre à Cascavel durou cerca de 58 horas.

4 Para Barbosa (2015), a diáspora haitiana é considerada um departamento fora do país, assim como os 10 departamentos que o constitui. No contexto de transnacionalismo, os imigrantes possuem identidades mistas, pois seu envolvimento e fidelidade com os dois países é forte, ou seja, os imigrantes têm dupla nacionalidade. Compreende-se que esse 10º departamento no Haiti se trata de um território que fisicamente não se encontra no mapa político do Haiti, mas corresponde aos vínculos mantidos com os haitianos que se territorializaram em outros espaços mundiais, mas que continuam vinculados ao país pela dupla nacionalidade e pelo envio de recursos financeiros a familiares.

Carvalho (2020) relata que os contratantes da FAG posicionaram os imigrantes em uma tenda e os responsáveis pelo acampamento organizaram uma pré-seleção acerca do modelo de trabalhador que a empresa queria. Os imigrantes sentiram-se humilhados, mas com medo de não conseguir o trabalho se sujeitaram a situação. No relato de um dos imigrantes:

Benjamim expressou humilhação por ter que passar por uma experiência em que se sentiu vendido como um objeto e, ao mesmo tempo, havia medo de que não agradasse suficientemente a empresa e, então, não conseguisse o trabalho. Disse que pensava em sua família, que estava disposto a realizar qualquer esforço para vê-los de novo. Em seguida, contextualizou: “eu já ouvia histórias sobre o Brasil de que foi um país que fazia os negros trabalharem de escravos, eu achei que isso tivesse mudado”, ao enunciar essa frase me mostrou suas mãos cheias de calos e feridas resultantes de anos de trabalho na construção civil e contou que, entre as principais exigências da empresa para contratá-lo, pediram que ele mostrasse os dentes, que fizesse alguns exercícios para demonstrar que não estava doente e que poderia servir o trabalho braçal. (Carvalho, 2020, p. 111)

As narrativas de Carvalho (2020) evidenciam que desde o processo de triagem, os imigrantes haitianos são escolhidos pela aparência física de força para realização de trabalho braçal na construção civil e nos setores que exigem carregamento e descarregamento de caixas e na linha de produção, dentro das câmaras frias, dos frigoríficos da agroindústria de aves. Como esse trabalho é a principal fonte de renda disponível ao imigrante, eles se sujeitam a exploração do trabalho forçado nesses setores.

Deste modo, este artigo busca corroborar a importância dos depoimentos da história oral e da memória nas pesquisas geográficas. Para isso, balizou-se no método de interpretação fenomenológico e nos fundamentos teóricos da Geografia Cultural e da Geografia Humana. A base de análise de dados ancorou-se, portanto, no levantamento bibliográfico, no intuito de contribuir para o aprofundamento e estruturação conceitual dos assuntos trabalhados (Lombardi, 2020). Selecionou-se livros, artigos científicos, dissertações e publicações da imprensa local que fortificassem a relação interdisciplinar entre a Geografia, a História e a Antropologia Social, na qual a pesquisa se amparou.

Os instrumentos de coleta de dados compuseram-se por observações individuais e coleta de depoimentos. Os imigrantes haitianos residentes em Cascavel, e as suas experimentações, foram utilizados como exemplo da atual mobilidade haitiana para o Brasil. Eles assinaram termos de cessão de direitos de uso dos depoimentos e imagens. Esses documentos estão disponíveis no acervo dos autores.

A escolha do Brasil como destino pelos imigrantes haitianos aconteceu por causa da política brasileira de integração. A abertura política e econômica brasileira do início do século XXI até ano de 2015 inseriu o Brasil na rota das migrações transnacionais atuais. No caso dos haitianos, o ingresso no Brasil de forma mais expressiva aconteceu após 2012 (Handerson, 2015).

A GEOGRAFIA CULTURAL, A GEOGRAFIA HUMANA E A FENOMENOLOGIA NA HISTÓRIA ORAL E NA MEMÓRIA

Supõe-se que as pesquisas realizadas em Geografia envolvem diferentes temas e abordagens. Tradicionalmente, a ciência geográfica tem se mostrado materialista e descritiva na análise dos dados coletados. O registro e a observação limitavam-se a compreensão das feições geográficas. Os dados organizados através de diálogos, compreensões, “vivências de pessoas e grupos, espaços vividos e práticas, é uma perspectiva recente” (Heindrich, 2016, p. 16).

Para que se rompa com esse tradicionalismo, o geógrafo precisa considerar as contribuições positivas ao realizar as suas pesquisas, de modo que possa enriquecer as suas expectativas, aproximando-se da realidade pesquisada. O método pode ser compreendido de duas formas. O primeiro, extensivo a vários campos, consiste como a orientação da pesquisa, como o método dialético, hipotético-dedutivo, fenomenológico, hermenêutico, empirismo lógico, entre outros. O segundo é mais restrito a uma técnica particular de pesquisa, indica um procedimento investigativo e organizado, elaborado para o alcance dos resultados considerados válidos (Heindrich, 2016).

Ao lidar com as práticas de pesquisa qualitativa com o campo de estudos, pode-se identificar uma arquitetura teórico-metodológica complexa, mas facilmente evidenciada pelo conjunto de ideias e termos relacionados que irão delineando o campo geográfico. Desse modo, na Geografia as práticas da pesquisa qualitativa, no campo e vocabulário geográfico, diferenciam e remetem à compreensão de sua natureza, que, para Heindrich (2016, p. 17), surge através da “nossa experiência empírica e no cotidiano da vida diretamente relacionados com o meio (social e ambiental)”.

As feições geográficas, como paisagem, território e espaço, as categorias da geografia, que antes delas, são princípios lógicos (localização, distribuição, extensão, distância, posição e escala) dessa relação, que faz surgir e compreender as feições geográficas específicas e conseqüentemente os seus desdobramentos em outras categorias, que relacionados ao espaço, constituem as subcategorias como o território, a região, o lugar, a rede, a paisagem, o arranjo e a configuração (Moreira, 2007). Neste campo de atuação, a Geografia Cultural é abstrata e subjetiva, imbricada no conjunto de paisagem, regiões, lugares em seus percursos e dinâmicas, que combinadas entre si, permitem observar a noção de espaço geográfico, entender e diferenciar a temporalidade.

Foi nos conceitos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, delineados sobretudo por Haesbaert (2004), que buscamos compreender o processo histórico que emerge na cultura haitiana, bem como para compreensão das dinâmicas dos espaços geográficos que esses sujeitos procuram. A partir disso, foi possível reconhecer os vínculos existentes entre os grupos humanos nos territórios, como a ocupação, o uso e a produção de marcas culturais.

De acordo com Heindrich (2016), os geógrafos fazem uso de três níveis diferentes para interpretar o espaço. O primeiro, é o espaço estrutural ou pragmático, que materializa as coisas e objetos de ação entre as relações da sociedade. O segundo, é o espaço vivido,

que envolve o cotidiano e as subjetividades. No terceiro, a cultura transcende o espaço geossimbólico para além do cotidiano, mas se manifesta através das afetividades, dos valores socioculturais, do imaginário e seus significados, porque o espaço não é estanque, separado, mas está em constante transformação.

De acordo com Claval (2014), a nova Geografia Cultural retrata as Geografias imaginárias, representadas, que frutificam em direção do estudo da pesquisa e as variações que separam a materialidade e imaterialidade. Dessa forma, compreende-se que os graves problemas sociais, ambientais, econômicos e políticos que ocorrem no Haiti, ao longo da sua história, despertaram o desejo de mudança de vida, motivando milhares de haitianos a buscar ascensão econômica para si e sua família.

No entanto, associados a essas motivações também se encontram as consequências dos fenômenos naturais que assolaram o país, causando maior precarização nas condições de vida da população haitiana. Observa-se ainda as percepções que os haitianos têm em relação ao Brasil, como oportunidade de trabalho e como um país acolhedor no contato da população haitiana com as tropas do exército brasileiro através da MINUSTAH⁵ (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti). Então, salienta-se que esses são fortes os motivos que os imigrantes haitianos levam em consideração ao escolher o Brasil como um novo lugar para viver (Figura 1).

Figura 1: Fatores que influenciam a escolha do Brasil como destino pelos imigrantes haitianos.



Fonte: Werlang (2021, p. 57)

Após passarem por dificuldades financeiras no Haiti, os migrantes se movem pela esperança e pelo posicionamento diante da vida e do compromisso social de ajudar os que ficam. Os imigrantes haitianos arriscam-se ao viajar em busca de uma vida melhor. Além de serem iludidos pelos *raketè* (coiotes), que cobram em dólares americanos, chegam ao Brasil e se enquadram no âmbito da vulnerabilidade, enquanto esperam a documentação, como imigrantes ilegais (Barbosa, 2015).

5 O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), por meio da Resolução nº 1542, criou a MINUSTAH com o objetivo de restaurar a crise política que culminou com o afastamento do presidente Aristide, em 2004. O Brasil foi indicado pela ONU para liderar a missão militar, com o propósito de pacificar o Haiti. (Eberhardt, 2017)

Em depoimento aos pesquisadores, um imigrante relatou que optou o caminho pelo Peru (a partir de janeiro de 2012, o governo desse país, passou a exigir visto de entrada ou em trânsito de imigrantes haitianos), acompanhado de um grupo de haitianos e da ajuda dos *raketès* (coiotes) condicionando a viagem ilegalmente pelo país até chegar no Brasil. Sem contar que viajou em carro fretado, lotado, com oito imigrantes haitianos, que conheceu durante o percurso. Mesmo sentindo-se inseguro, com medo, não desistiu da viagem: *A viagem do Haiti para o Brasil, foi difícil. Fiz meu visto na embaixada brasileira em Porto Príncipe. Sai de avião do Haiti passando pelo, Panamá e o Peru. No território peruano, meu visto não era reconhecido, pelas leis daquele país e por causa disso, precisei fazer o trajeto até o Acre por terra e de maneira clandestina, com a ajuda de coiotes. Viajamos durante a noite, entre oito imigrantes haitianos, que eu conheci no trajeto, num carro pequeno. O 'nosso guia', que sabia falar o crioulo haitiano, sabia local aproximado que a polícia peruana se localizava. Ele avisava quando nos aproximávamos desses locais, nos escondíamos dentro do porta-malas do carro. Desta forma, quatro pessoas ficavam no porta-malas e quatro ficavam sentados nos bancos, agindo normalmente. Quem ficava no porta-malas, viajava por horas, com os joelhos dobrados, encolhidos. Fazíamos revezamento, porque o corpo ficava dolorido, devido a mesma posição por muito tempo. Quando conseguia sair, o corpo todo, principalmente as pernas doíam, ficavam dormentes, dificultando até para descer do carro. No percurso, o nosso 'guia' pagava aos policiais peruanos, para que não 'revisassem' o carro. Em cada abordagem, os policiais ficavam com cerca de U\$ 100,00, que cada passageiro 'contribuía'. No total, cada um de nós pagou U\$ 300,00 para passar pelo território peruano, além do pagamento destinado ao 'trabalho' do guia, mais U\$ 100,00 por cada imigrante. (Diese, nov de 2020)*

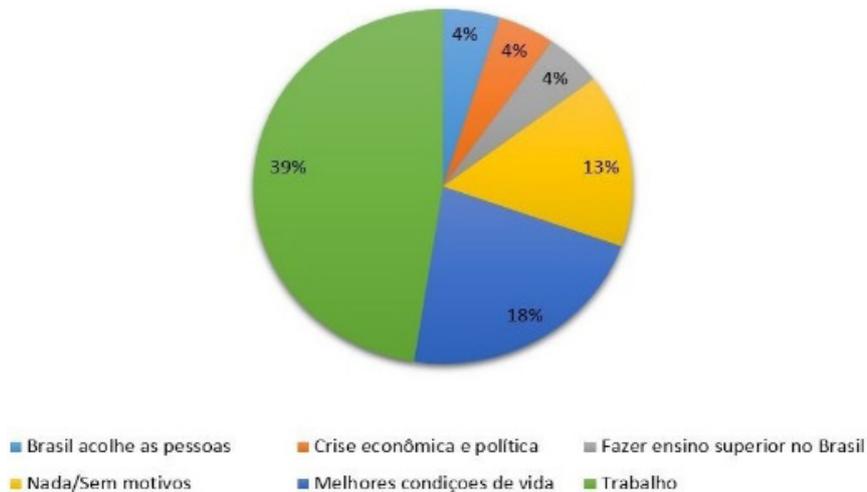
Ao chegar ao Brasil, inicia-se uma nova jornada de incertezas, medo e espera. Um dos haitianos de Cascavel discorre: *Quando chegamos ao Acre (não sabia informar o nome da cidade), a situação não melhorou. Estava quase sem dinheiro para me alimentar. Já tinha gasto em torno de U\$ 3.030 entre transporte, alimentação, subornos durante o percurso de Porto Príncipe até o Acre e não tinha chegado ao meu destino final, que era o estado de Santa Catarina. Eu e um grupo de haitianos que conheci durante a viagem, ficamos 15 dias aguardando a emissão do CPF e da Carteira de Trabalho, que demos entrada assim que chegamos ao Brasil. Também recebi a vacina contra tétano, hepatite B e febre amarela. Quando esses documentos ficaram prontos, fomos encaminhados para a cidade de São Paulo através de um ônibus fretado pelo Governo Federal. Nesse trajeto, não pagamos o transporte, apenas alimentação. A viagem durou cerca de três dias. Um guia que falava o crioulo haitiano, nos acompanhou durante todo o percurso. Indicava quando devíamos descer para ir ao banheiro, comer ou quanto tempo o ônibus ficava parado. (Diese, nov 2020)*

No ano de 2020, o Brasil completou uma década a fazer parte de uma das principais rotas do sistema migratório haitiano na América do Sul. Anteriormente, as migrações haitianas eram direcionadas para a Guiana Francesa e representavam aproximadamente 30,4% da população do país. Em 2009, o Presidente da França, Nicolas Sarkozy, solicitou que o Suriname (rota utilizada pelos haitianos para chegar a Guiana Francesa) diminuísse os vistos dos imigrantes haitianos para controlar a entrada deles na Guiana Francesa. A partir de então os imigrantes haitianos iniciaram a busca por novas rotas para chegar

ao Departamento francês. “Nesse contexto é que se deve situar a chegada de imigrantes haitianos à fronteira entre o Brasil, Colômbia e Peru” (Handerson, 2016, p. 44).

Os dados obtidos nas pesquisas de Nunes e Antonello (2020), que caracterizam as principais motivações que levaram os imigrantes a deixar o Haiti, coincidem com as apresentadas pelos imigrantes haitianos desta pesquisa. Estão relacionadas a fatores como trabalho, melhores condições de vida, possibilidade de fazer ensino superior, crise política e o Brasil compreendido como um país que acolhe (Fig. 2).

Figura 2: Motivos da emigração haitiana ao Brasil.



Fonte: Nunes e Antonello (2020, p. 73)

A FENOMENOLOGIA NA ABORDAGEM ANALÍTICA DA MIGRAÇÃO

Os estudos relacionados a cultura, através dos procedimentos e enfoques teóricos relacionados as práticas e manifestações culturais e contextos geográficos, abordam não somente uma disciplina. A investigação da cultura se associa ao amplo campo dos estudos da Geografia Humana, elaborado e classificado pelos estudos científicos. Para Heidrich (2016), a cultura representa um conjunto de práticas, princípios e de atitudes. Ela está em constante transformação e diversidade, relacionada com o espaço integrado, com intercâmbio comunicacional, com tempo local, em múltiplas escalas intermediárias e mundial.

Na relação do sujeito com a sociedade, a partir de seu cotidiano no plano cultural que, ao se relacionar o contexto da migração com a História Oral, ela se torna uma metodologia fundamental para a pesquisa. Ela permite que os imigrantes revivam, através das memórias e relatem os processos vividos de vulnerabilidade em seus países e as situações vividas na trajetória de migração, experiências de vida, comportamentos, emoções e sentimentos.

O método fenomenológico na Geografia Cultural e Humana, segundo Pereira, Lima e Paiva (2016), procura analisar a produção do espaço a partir do subjetivismo social, ou seja, a construção do espaço, no contexto da percepção que os sujeitos têm sobre ele, dos valores que atribuem a ele, reconhecendo-se inerentes ao seu processo de transformação.

Na Geografia, o método fenomenológico representa a compreensão do espaço pelas estruturas materiais e imateriais nele contidos, além das interpretações subjetivas dos sujeitos. O espaço é concebido como um fato social, produto das interações humanas com múltiplas intencionalidades que ocasionam o fato e permitem a apreensão destes pelos que o observam. A fenomenologia considera a ideia da intencionalidade pelo qual o sujeito e o objeto são indissociáveis, ou seja, permite ao pesquisador interpretar os fenômenos a partir da experiência vivida, aplicada e adquirida pelos indivíduos, buscando não distinguir o objeto do sujeito (Pereira, Lima & Paiva, 2016).

A fenomenologia estimula possibilidades para novas formas de descrição e análises do espaço e o ser humano é protagonista e transformador desse espaço que vivencia cotidianamente, pois se enriquece por sentimentos, sensibilidades corpóreas e de inteligências. A análise da apropriação do espaço, do lugar, não pode estar dissociada da relação homem-meio (Corrêa, 2003).

Segundo Gomes (1996), o precursor do pensamento fenomenológico na Geografia foi Carl Sauer, ao destacar a importância dos aspectos culturais na análise das paisagens, seguido por Edward Relph, que mencionou como fonte de conhecimento às explicações fundamentadas nas experiências humanas, a partir dos instrumentos culturais e por Yi-Fi Tuan. O autor entende que a fenomenologia permite o contato entre o mundo e os significados. Ou seja, permite duas formas de produção do conhecimento, o intelectual (a abordagem busca uma ordem dos fenômenos no mundo) e a existencial (busca o sentido dos fenômenos).

Sobre o assunto, Gomes (1996) e Spósito (2004) argumentam que a fenomenologia na Geografia compreende dois traços fundamentais. Primeiramente trata-se de um método que consiste em descrever um fenômeno e como tal não se interessa pelas ciências da natureza e se defronta com o empírico, colocando-se em oposição ao idealismo, que toma como ponto de partida uma teoria do conhecimento. Por outro lado, seu objetivo é constituído pela essência, captada na visão imediata, ou seja, a intuição essencial do fenômeno analisado, construído a partir das subjetividades e do rompimento com o viés racionalista.

Esse viés fenomenológico propiciou a discussão do espaço vivido na Geografia. Não de maneira racional, física, quantificável e objetiva, mas a partir das relações, sentimentos e do subjetivismo. Deste modo, Gomes (1996) compreende que a fenomenologia enquanto método tem a intencionalidade da consciência e na subjetividade do sujeito construída a partir de suas experiências, seu desenvolvimento e aplicabilidade, que busca a aproximação entre a fenomenologia e a Geografia.

Segundo Pereira, Lima e Paiva (2016), o método fenomenológico contribui na Geografia para as análises ricas em subjetividades, onde o sujeito pesquisador investiga os fenômenos a partir das experiências e vivências. Desta forma, desenvolve-se uma Geografia mais humanista, pautada na busca da essência das coisas, compreendendo-se que ela é mais um caminho para a concretude das análises geográficas, resgatando as discussões do espaço vivido ao reafirmar o lugar e as dinâmicas dos lugares como central nas análises. É no lugar onde acontecem as relações entre o sujeito e o objeto, cheio de significados que requerem análises profundas.

Na concepção de Spósito (2004), o lugar é algo objetivamente construído pelo sujeito no decorrer da sua experiência. Assim, o método fenomenológico na Geografia permite a valorização do lugar, a construção do objeto a partir da percepção, da experiência e vivência dos sujeitos, pois não apenas investiga os fenômenos, mas desvenda a sua essência, prevalecendo à autonomia do sujeito sobre o objeto investigado. Considera-se, desse modo, neste estudo, que o lugar é cheio de significados, pois é construção do sujeito a partir de suas vivências cotidianas.

HISTÓRIA ORAL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E A SUA UTILIZAÇÃO NA GEOGRAFIA

De acordo com Trebistsch (1994) e Portelli (1997), os primeiros registros da história oral de forma escrita são organizados a partir de 1938, nos Estados Unidos. Esses registros foram realizados para contar a vida dos americanos vivos que tiveram participação significativa na vida política, econômica e cultural, num recorte de 60 anos. No final dos anos de 1940 até a década de 1950, as primeiras entrevistas, com o uso dos gravadores a fita permitiram a coleta de dados com personagens políticos, das elites econômicas e midiáticas.

Neste período, a história crítica do século XIX elaborou um discurso contra a História Oral, para desqualificar as narrativas da “tradição oral do campo científico em proveito das fontes escritas” (Trebistsch, 1994, p. 22). A metodologia da pesquisa da História Oral, ascendeu nas décadas de 1960 e 1970, juntamente com os avanços tecnológicos, como gravadores de voz portáteis, que permitia o registro das entrevistas através dos relatos de histórias de vida, valorizando a história dos sujeitos que vivenciaram as experiências e histórias de vida a partir do seu cotidiano, se opondo a história positivista e da nação, considerada elitista (Portelli, 1997; Alberti, 2011).

No entanto, este modelo de registro oral, que ao mesmo tempo buscou preencher as lacunas dos documentos escritos, privilegiou no início a classe elitista. Permitiu deixar de lado os excluídos, como os iletrados, as minorias étnicas, imigrantes, movimentos sociais feministas e pacifistas, entre outros. Porém, isto não significou que a História Oral tivesse legitimidade e anterioridade. A partir da Revolução Francesa, a história científica passou pelo processo de institucionalização e profissionalização. A criação dos arquivos nacionais institucionalizou a memória de tempos longínquos, organizada pela fonte escrita, restringindo a oralidade ao campo das anedotas ou ao passado recente às sociedades sem escrita, como as classes inferiores, populares, como a etnologia e o folclore.

As fontes orais estão ligadas à tradição das narrativas populares das classes não letradas, através da observação direta e do testemunho (olhos e ouvidos), pois se diferencia dos outros gêneros narrativos, diretamente ligados na tradição da escrita (Trebistsch, 1994).

Ao interrogar as populações, através de questionários e entrevistas, além da observação, a compreensão de como vivem, produzem e se organizam no espaço, os geógrafos Almeida (2006) e Claval (2014) fornecem através das fontes orais o conhecimento sobre os grupos populacionais incultos ou grupos sociais, cujas histórias escritas, podem ser falhas

ou distorcidas. Para os pesquisadores que fazem uso da escrita, as fontes orais, através da coleta de dados dos depoimentos orais, são essenciais para a investigação.

As fontes orais nos trabalhos geográficos são escassas, pois ainda há muita resistência em abordá-las entre os próprios geógrafos. A autora reforça a importância dos geógrafos utilizarem as fontes orais. As fontes orais possibilitaram que pessoas comuns fornecessem relatos inéditos para os estudos, permitindo a superação da neutralidade na pesquisa. O registro do momento histórico e a troca cultural com os imigrantes haitianos recém-chegados ao país possibilitam o conhecimento de comportamentos, costumes e hábitos através dos registros das suas próprias narrativas e percepções, como sujeitos que participam através das próprias palavras e expressões (Almeida, 2006).

A HISTÓRIA ORAL E A MEMÓRIA: O CASO HAITIANO EM CASCAVEL, PR

A utilização da história oral e da memória como referencial teórico metodológico possibilitou investigar a cultura dos imigrantes haitianos em Cascavel. Os primeiros haitianos chegaram no município em 2012. O grupo era composto por 44 homens. O canal de comunicação entre os pesquisadores e os sujeitos da pesquisa aconteceu por meio da Pastoral do Migrante de Cascavel, uma entidade vinculada à igreja católica.

A escolha pelos entrevistados seria aleatória, no entanto com a declaração do Estado de Pandemia Mundial pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em Genebra na Suíça, pelo diretor-geral Tedras Adhanom Ghebreyesus, no dia 11 de março de 2020 e o avanço da pandemia ocasionada pela Covid-19, foi necessário reduzir a quantidade de depoimentos orais, priorizando-se, portanto, os imigrantes que tivessem determinado conhecimento da língua portuguesa.

Durante a coleta dos depoimentos, os pesquisadores perceberam que a maioria dos haitianos que moram em Cascavel não falam o português, têm dificuldades em expressar seus sentimentos, suas experiências e o seu modo de vida. A obrigatoriedade do uso da máscara facial dificultou a interação entre pesquisados e pesquisadores, pois as expressões dos rostos em alguns momentos poderiam revelar sentimentos que não seriam possíveis de serem captados por palavras. Em contrapartida, um dos haitianos tinha bastante domínio do idioma local, tornando possível a coleta dos dados através de plataforma virtual.

A Pastoral do Migrante de Cascavel atua de diversas maneiras junto aos imigrantes. Ela proporciona a acolhida, o resgate cultural, o resgate da cidadania, o diálogo com o diferente numa relação intercultural, além de trabalhar as consciências no cultivo da sensibilidade e da solidariedade, denunciando situações como a miséria, a fome, a opressão, a migração forçada, a concentração de renda. A entidade está presente em três diferentes momentos do deslocamento dessas pessoas, na origem, no trânsito e no destino. O Padre Wilnie Jean, que é imigrante haitiano, é o responsável pela Pastoral e realiza as celebrações eucarísticas na igreja Nossa Senhora das Graças, tanto no idioma crioulo haitiano quanto em português, de maneira simultânea. Também “foi responsável pela formação do coral de imigrantes haitianos, com o intuito de cantarem canções do país de origem durante

as celebrações, como forma de preservar e divulgar a cultura haitiana para a população local” (Werlang, 2021, p. 18).

Por meio da história oral e memória foi possível investigar as lembranças, as memórias, as experiências vividas pelos imigrantes desde a saída do Haiti, até a chegada na cidade de destino no Paraná.

Se levarmos em consideração que, conforme defendia Sayad, os processos migratórios devem ser analisados na sua totalidade, as pesquisas em história oral e em memória por meio dos relatos dos entrevistados, proporciona conhecer e compreender os sujeitos da pesquisa a partir das suas experiências de vida (Staudt, 2018).

As experiências relatadas pelos imigrantes haitianos proporcionam “análises externas do processo, dando enfoque a alguns dos protagonistas desse movimento que possam representar, com suas lembranças, como a memória carrega, para além das fronteiras, os aspectos culturais, costumeiros e identitários dos indivíduos” (Staudt, 2018, p. 25). Na análise das memórias, Alberti (2011) destaca que é possível reconstruir significados e desta forma refletir sobre as experiências cotidianas dos sujeitos que participam desta trajetória.

As consequências dessas histórias de vida são percebidas nas narrativas coletadas, fornecendo elementos para a compreensão da realidade de ser haitiano em mobilidade no século XXI. Segundo Almeida (2006), pesquisar a memória através das narrativas dos imigrantes e explorar as suas especificidades integra o sujeito pesquisado com a pesquisa.

A memória acessada através das narrativas, a partir da oralidade, expõe o sujeito às lembranças daquilo que pode ser expresso através da linguagem. É na técnica de reviver as lembranças que o indagado muitas vezes se descobre indivíduo, com identidade, sujeito da história, que interpreta os encontros e desencontros que a vida apresenta nas suas interpretações nuançadas e espaços de lutas. Na perspectiva de pesquisa com fontes orais, Thompson (1992, p.197) destaca que a oralidade “permite-nos desafiar essa subjetividade, descolar as camadas da memória e cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta”.

Vanderlinde (2013) demonstra em suas reflexões a importância das fontes orais como método de investigação, mas também a complexidade, a relevância e a falta de consenso entre os teóricos acerca do seu uso nas ciências humanas. A História Oral tem, portanto, o potencial de mover o trabalho dos geógrafos para novas direções. Elas podem contribuir com a possibilidade de examinar as complexidades do lugar, integrando possíveis pontos de pesquisa relevantes para a Geografia. Este método é especialmente aplicável ao estudo de memória e lugar.

Os movimentos populacionais nos revelam que o imigrante marcha para outros locais em busca da sua sobrevivência e, nesse esforço, desempenha funções capazes de torná-lo integrante de uma sociedade que ora o inclui, ora o exclui. Todos têm o direito de trabalhar, a livre escolha e a proteção contra o desemprego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que iniciou o processo de colonização do Haiti, nações estrangeiras tiveram presença econômica, política, militar e cultural no país. Normalmente, um dos familiares migra primeiro para o novo território em busca de trabalho e, além de enviar dinheiro para sustentar a família que continua no Haiti, trabalha incansavelmente para conseguir economizar recursos financeiros e reunir a família novamente no Brasil.

A fonte oral, na perspectiva dessa pesquisa, possibilitou estimular a memória dos sujeitos pesquisados, no contexto da História Oral e memória. Possibilitou durante os relatos, que os imigrantes haitianos revivessem os processos vividos de vulnerabilidade em seu país, as situações vividas na trajetória de migração, as experiências de vida, comportamentos e emoções.

A temática permite outro olhar e compreensão dos atores envolvidos na pesquisa. Mas a oralidade necessita de rigor científico e sobretudo levar em consideração que a fonte é o sujeito (pessoa), subjetivo e cabe ao pesquisador o conhecimento científico e ético no processo de organização do seu trabalho.

A Geografia Cultural Humanística, adotada neste estudo, permite abordar as particularidades subjetivas dos migrantes pesquisados, diante “das percepções e representações do espaço, as identidades territoriais, estudo de gênero, religiões e festas, microterritorialidades” (Heidrich, 2016, p. 20). O autor chama a atenção para as dificuldades em se assimilar as relações espaço-homem-sociedade. O espaço vivido e espaço social, como categoria de análise, estão em constante transformação. Não se separa o material e racional do imaginário, bem como o subjetivo da realidade e do que seria imaginado pelo pesquisador.

As análises das narrativas orais problematizam e possibilitam o debate proposto na pesquisa, como um instrumento gerado pelas lembranças. Isso envolve escutar e entender as experiências, a partir das próprias percepções. Trata-se, assim, de um dos desafios da pesquisa oral, ao possibilitar conhecer a herança cultural, com suas próprias características, identidades, simbolismos e as experiências individuais e do grupo, que a memória tem a capacidade de recordar.

Os haitianos residentes em Cascavel declararam que a decisão de migrar não é simples. Os desafios e anseios de deixar os familiares despertam expectativas naqueles que partem e naqueles que permanecem. Nas observações e nas coletas de depoimentos, foi possível identificar uma das principais motivações para emigração das pessoas, que é a esperança de melhores condições de vida para si e para a família que ficou no Haiti, tanto econômica quanto socialmente. A permanência dessas pessoas no Brasil acontece desde que possuem um compromisso moral diante da família e dos vizinhos. O retorno ao Haiti é como se estivessem admitindo que fracassaram, que o deslocamento não valeu a pena. Além do fato de que necessitam enviar recursos financeiros mensalmente para os familiares, o que aparenta ser uma questão de honra para eles.

O compromisso ético e moral em enviar dinheiro para o sustento da família no Haiti pôde ser ratificado, entre outras situações, quando um dos imigrantes haitianos declarou: *Sim, eu mando dinheiro para sustentar minha família no Haiti, pois tenho dois filhos que ficaram*

morando lá. Quando a situação fica complicada aqui, por causa do aumento do dólar, meu irmão que está cuidando dos meus filhos cobre as despesas deles lá e depois devolvo para ele (Diese, out. 2020).

Verificou-se que o imigrante necessita da ajuda financeira de seus familiares para percorrer o trajeto entre os dois países. A maior causa da diáspora haitiana para o Brasil é a situação econômica e política do Haiti. Nos depoimentos dos imigrantes haitianos em Cascavel percebe-se que se decidiram pelo Brasil para migrar pelo percurso apresentar menor custo e pela perspectiva de conseguir emprego e um bom salário. Alguns dos depoentes disseram: *Escolhi vir para o Brasil, pois todos os haitianos 'gostam de viajar'. Muitos escolhem ir para os Estados Unidos ou Canadá. Escolhi vir para cá porque era mais barato, estava desempregado no Haiti e precisava ganhar dinheiro. Tenho dois filhos que ficaram no Haiti que preciso sustentar* (Diese, out. 2020); *Vim para o Brasil porque queria melhorar de vida. Ganhar mais dinheiro. A situação no Haiti é difícil. Não tem emprego, o salário é muito baixo e precisava ganhar mais* (John, out. 2020); *Eu quis vir para o Brasil para estudar um novo idioma e conseguir fazer um curso superior. Aqui, assim que cheguei em Medianeira⁶, comecei a trabalhar em uma cooperativa e numa escola de idiomas, ministrando aulas de francês e inglês. Depois de dois anos vim morar em Cascavel, continuei trabalhando numa outra cooperativa como cozinheiro e paralelo a isso lecionava aulas de francês e inglês em escolas particulares. Como meu objetivo era me formar num curso superior, entrei para o curso de Letras Português e Inglês na FAG. Conclui o curso no final de 2019. Agora pretendo conseguir uma vaga como professor na rede pública de ensino.* (Charlotin, jan. 2021)

Seria muita ambição da nossa parte achar que esta pesquisa esgotaria o assunto sobre a importância das fontes orais, principalmente da História Oral e da memória, na Geografia, mas entendíamos que o nosso papel enquanto geógrafos era escrever algum material científico a respeito da temática. Esperamos que a pesquisa em tela tenha contribuído de alguma forma com o assunto e sirva de inspiração para o desenvolvimento de pesquisas geográficas com ênfase nas fontes orais, especialmente àquelas que envolvam o deslocamento populacional internacional.

REFERÊNCIAS

- Alberti, V. (2011). Fontes orais: histórias dentro da História. In C.B. Pinsky (Org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto.
- Almeida, R.A. (2006) A Herança da Terra no Trabalho com fontes Oraís. In M.C. Borges, & V.W. Oliveira Neto (Org). *Cultura, Trabalho & Memória: Faces da Pesquisa em Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: Ed. UFMS.
- Barbosa, L.S. (2015). *Imigrantes haitianos no Rio Grande do Sul: uma etnografia de sua inserção no contexto sociocultural brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/6260>
- Carvalho, J.I.S.L. (2020). *Trabalho e imigração: trabalhadores haitianos em Cascavel-PR (2012 - 2020)*. Tese de Doutorado em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil. Recuperado de <http://tede.unioeste.br/handle/tede/519>

⁶ Cidade próxima à Cascavel.

- Cavalcanti, L., Oliveira, A.T., & Macêdo, M.F.R. (2020). *Imigração e refúgio no Brasil. Relatório anual 2020*. (Série Migrações). Brasília: OBMigra/MJSP. Recuperado de https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/relatorio-anual/2020/OBMigra_RELAT%C3%93RIO_ANUAL_2020.pdf
- Claval, P. (2014). *Epistemologia da geografia*. Florianópolis: Ed. UFSC.
- Corrêa, R. L. (2003) Conceitos e Temas: Sobre a Geografia Cultural. Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. In R.L. Corrêa, & Z. Rosendahl (Orgs.). *Introdução à geografia cultural*. (pp166-186). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Eberhardt, L.D. (2017). *Haitianos em Cascavel, Paraná: história, trabalho e saúde*. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/24113>
- Gomes, P.C.C. (1996). *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Betrand Brasil.
- Handerson, J. (2015). *Diáspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de <https://www.migrante.org.br/migracoes/migracao-haitiana/diaspora-as-dinamicas-da-mobilidade-haitiana-no-brasil-no-suriname-e-na-guiana-francesa/>
- Handerson, J. (2016). *A imigração haitiana no Brasil: características sociodemográficas e laborais na Região Sul e no Distrito Federal*. (pp. 85-107). Santiago, Chile: OIM/UDD. Recuperado de <http://hdl.handle.net/20.500.11788/1368>
- Heidrich, Á.L. (2016) Método e metodologia na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. In A.L. Heidrich, & C.L. Pires. (Orgs.). *Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografias e saberes sobre espaço e cultura*. Porto Alegre: Editora Letra 1. Recuperado de <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149928/001007747.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Lombardi, B.V.N. (2020). *Migração e identidade: a presença islâmico-senegalesa em Toledo, Pr (2014-2020)*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil. Recuperado de <https://tede.unioeste.br/handle/tede/5181>
- Moreira, R. (2007). *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço*. São Paulo: Contexto.
- Nunes, L.A.G., & Antonello, I.T. (2020). A inserção do imigrante haitiano no mundo do trabalho do município de Cascavel/PR. *Revista Caminhos de Geografia*, 21(78), p. 65-77.
- Pereira, C.S., Lima, F.E.S., & Paiva, R.S. (2016). O pensamento fenomenológico e a ciência geográfica: breves notas. *Geotemas*, Pau dos Ferros (RN), v. 6, n.2, p. 83-93, jul./dez. 2016. Recuperado de <http://periodicos.uern.br/index.php/geotemas/article/view/1386/1277>.
- Portelli, A. (1997). *O que faz a história oral ser diferente*. São Paulo, Projeto História, 14.
- Sayad, A. (1998). *A imigração - ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP.
- Spósito, E.S. (2004). *Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Staudt, T. (2018). *Sou diáspora: identidade e mobilidade nas memórias de haitianos no Brasil*. Trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em História. Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, Chapecó, SC, Brasil. Recuperado de <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2070>
- Télémaque, J. (2012). *Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações*. Monografia para conclusão do curso de Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Recuperado de <https://oestrangeriodotorg.files.wordpress.com/2012/08/jenny-haitianos-mono.pdf>
- Thompson, P. (1992). *A voz do passado, história oral*. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Trebistsch, M.M. (1994). A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea. In M. Moraes (Org.). *História Oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim.

Vanderline, T. (2013) Motivação eclesial luterana e inserção social entre comunidades quilombolas: a força da oralidade. Lutheran ecclesial motivation and social insertion among quilombolas communities: the power of orality. *Horizonte*, 11(30), 593-606. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n30p593/5368>

Werlang, M.T. (2021). *A presença cultural dos imigrantes haitianos, a partir de 2010, na cidade de Cascavel – PR*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon, PI, Brasil. Recuperado de <https://tede.unioeste.br/handle/tede/5516>

Recebido em 22/jun./2022

Aceito em: 15/out./2022

Versão corrigida recebida em 10/nov./2022

Publicado em 01/dez./2022